

MANUSCRITO LITERÁRIO: UMA REDE DE POSSIBILIDADES ✓

85

Moema Rodrigues Brandão MENDES¹
Emânia Aparecida Rodrigues GONÇALVES²

✓ Artigo recebido em 13/09/2019 e aprovado em 29/09/2019.

¹ Doutora em Letras pela Universidade Federal Fluminense (UFF/RJ), Pós-Doutoranda na Linha de Pesquisa Resgate pela Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB/RJ), Professora titular do Programa de Mestrado Acadêmico em Letras, do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF). E-mail: <moemarbmenDES@gmail.com>.

² Mestra em Letras (Literatura Brasileira), pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF). Doutoranda do programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF/JF). E-mail: <emaniarodrigues@yahoo.com.br>.

**MANUSCRITO LITERÁRIO:
UMA REDE DE POSSIBILIDADES****RESUMO**

Este artigo propõe uma breve reflexão sobre as possibilidades de pesquisa concedidas pelo manuscrito de uma obra literária sob três direções: a primeira envolve a localização do manuscrito a ser estudado, sua atual situação de preservação; condições de acessibilidade a esta documentação e responsabilidade da custódia do inventário documental, seja ela de caráter pública ou privada. A segunda considera as perspectivas de reconhecer o trabalho do pesquisador genético como apaixonante e paciente ao identificar as variantes registradas nas versões de um mesmo texto e o que elas representam como elementos significativos para uma boa leitura da obra; ação que permite acompanhar parte do projeto de escrita do autor em estado de prototexto. A terceira direção evidencia o aspecto interdisciplinar advindo do texto em estado de manuscrito na medida em que o objeto textual eleito pode requerer o diálogo entre duas ou mais disciplinas que intencionalmente estabelecem vínculos entre si, buscando alcançar uma construção do conhecimento mais abrangente. Esta reflexão desenvolve-se a partir de uma integração de conceitos operatórios que utilizam as teorias de Arquivos pessoais, Crítica genética e entre as relações do texto produzido com quaisquer outras áreas do conhecimento a fim de esclarecer os conceitos necessários voltados para as fontes reunidas em um arquivo, entendido, aqui, como um lugar de memória.

Palavras-chave: Arquivo. Manuscrito literário. Possibilidades de pesquisa

**LITERARY MANUSCRIPT:
A NETWORK OF POSSIBILITIES****ABSTRACT**

This article proposes a brief reflection on the research possibilities granted by the manuscript of a literary work in three directions: the first involves the location of the manuscript to be studied, its current preservation situation; conditions of accessibility to this documentation and responsibility for custody of the documentary inventory, whether public or private. The second considers the prospects of recognizing the work of the genetic researcher as passionate and patient in identifying the variants recorded in the versions of the same text and what they represent as significant elements for a good reading of the work; action that allows to follow part of the author's writing project in a prototext state. The third direction highlights the interdisciplinary aspect arising from the manuscript text as the elected textual object may require the dialogue between two or more disciplines that intentionally establish links with each other, seeking to achieve a broader knowledge construction. It is based on an integration of operative concepts that use the theories of Personal Archives, Genetic Criticism and between the relations of the text produced with any other areas of knowledge in order to clarify the necessary concepts directed to the sources gathered in an archive, understood here, as a place of memory.

Keywords: Archive. Literary manuscript. Search possibilities.

1 INTRODUÇÃO: ABORDAGENS DA PESQUISA EM ARQUIVOS

“O manuscrito será o futuro do texto”

Jean-Louis Lebreve

Os manuscritos literários registrados em suporte papel, ainda guardam sua importância como objeto de pesquisa sob a perspectiva de que a melhor compreensão de uma obra não deve se restringir apenas ao texto publicado, ou disponibilizado em meios digitais, como se as versões impressa e digital fossem definitivas e únicas.

É inegável que o patrimônio sobre papel está agonizando e se esvaindo diante de outras técnicas de registro de informação indiferentes à função essencial do papel (CASTRO, 2010).

Por isso, ao se abordar o arquivo como o lugar em que a obra habita, faz-se necessário retomar as políticas de preservação dos documentos no arquivo. O artigo de Aloísio Arnaldo Nunes Castro, intitulado **A preservação documental no Brasil: notas para uma reflexão histórica** (2010), elabora um panorama sobre as pesquisas e implementações relacionadas à preservação de documentos em suporte papel que fazem parte do patrimônio histórico cultural do Brasil no final século XIX e início do século XX.

De acordo com Castro (2010), se avaliarmos as produções científicas, dos últimos anos, relacionadas à preservação do patrimônio cultural do Brasil constataremos que poucos são os estudos desenvolvidos nesta área do conhecimento e que há uma necessidade de aprofundamento no campo temático relativo à memória cultural expressa no suporte papel e, acrescenta, “um estudo minucioso sobre a história da preservação documental no Brasil que ainda está por vir” (CASTRO, 2010, p.32). Diante do exposto, destaca-se a relevância de uma preocupação em pesquisas de conservação dos arquivos.

Para tanto, a captação de um acervo envolve os herdeiros de um escritor, os direitos autorais dos mesmos, fatos que exigem uma posição ética dos envolvidos

no acordo e uma preocupação com a política de preservação dos arquivos de escritores custodiados por instituições públicas.

As questões que abordam o lado complexo e dificultoso do trabalho com textos inéditos ou versões e reimpressões de textos editados envolvem, quase sempre, a teoria de Crítica Genética e Crítica textual.

É indiscutível, portanto, não reconhecer a importância do lugar ocupado pelos arquivos, uma vez que este é o lugar onde estão depositados os objetos de estudo desta teoria sobre a gênese do texto, ou seja, pesquisas desenvolvidas a partir dos manuscritos.

A obra **Indicionários do contemporâneo** - fruto de um trabalho conjunto entre ensaístas, pesquisadores e professores, que teve início em um Simpósio Internacional realizado na Universidade del Valle (Colômbia) em julho de 2012 - contempla um capítulo intitulado, Arquivo, que está dividido em cinco partes, a saber:

- 1) A coleção sem razão: arquivo moderno, arquivo contemporâneo; 2) O arquivo em disputa: controle, arconte; 3) Restos, lembranças, biografia; 4) Construção-destruição, ordem-desordem, escrita-leitura e 5) O arquivo segundo Kuitca, Aira, Orwell, Merlo (ANDRADE *et al*, 2018, p.16 - 49).

Esse texto foi escrito a várias mãos, por meio de um trabalho efetivamente coletivo que traz inúmeras contribuições para o entendimento da relevância do arquivo no estudo da literatura.

Nesse capítulo, os autores Andrade *et al* (2018) utilizam os teóricos Walter Benjamin, Jacques Derrida e Michel Foucault para sustentar uma reflexão sobre a relevância dos arquivos. Segundo os autores do texto, a partir de Walter Benjamin entende-se que “a coleção, o arquivo, não se define por aquilo que guarda, mas pela relação que o sujeito mantém com esses objetos, imagens e palavras” (Andrade *et al*, 2018, p.18). Diante dessa compreensão, os autores propõem uma reflexão de que o arquivo não deve sugerir uma linha democrática sólida entre domínio público e domínio íntimo e esclarecem, de forma mais concreta, que não se delimita divisores no que se refere a uma memória coletiva e institucional e uma memória de si (pessoal). Enfatizam que se faz necessária uma associação das duas proposições

que, segundo eles, já acontece de forma clara nas obras consideradas contemporâneas.

Os estudiosos, a partir da reflexão de Foucault em - **A arqueologia do poder** – destacam que esse teórico defendia que “o arquivo não é apenas um espaço de estocagem de dados, de conteúdos, mas algo, em certo sentido, exterior à nossa linguagem: a positividade do gesto, do enunciado, seu ‘ter lugar’, e não o que esses enunciados dizem” (ANDRADE *et al*, 2018, p.19, grifos do autor). E, a partir deste pensamento, os pesquisadores fazem a leitura de que, para Foucault, os enunciados não têm a consistência de um bem material que será conservado museologicamente, ou seja, que os enunciados não teriam representabilidade simbólica, apenas seriam acumulados sem uma lógica conservadora ou historicista. Acrescentam que Foucault se distancia da ideia de arquivo como sendo lugar de **memória** e **acumulação** e aponta a necessidade de superar a divisão exterior/interior, memória pública/memória pessoal a partir da análise do arquivo, termo utilizado pelo filósofo para nomear a forma particular de acúmulo dos enunciados, desses elementos que têm por condição apenas o seu **ter lugar**. Na voz dos ensaístas do texto teórico, “o arquivo, segundo Foucault, não guarda os significados, mas a positividade dos enunciados, eles ali se tornam acontecimentos, coisas, têm um valor em si mesmos” (ANDRADE *et al*, 2018, p.21).

Esclarecem, ainda, os teóricos, sobre as proposições de Foucault, afirmando que o funcionamento dos arquivos representa uma questão de lutas de poder, de controle da possibilidade de enunciar e não apenas de um controle dos conteúdos enunciados. Segundo eles, o que importa evidenciar é o poder que se tem sobre o arquivo, a legitimação de propriedade, posse ou assinatura. Nas palavras dos estudiosos,

O arquivo é um território de disputa, pois controlar o arquivo significa controlar a possibilidade da enunciação e, em última instância, a construção de uma realidade - não a sua conservação, como almejam os arquivos positivistas. Nesse sentido, revela-se que o arquivo não representa um passado, não dá testemunho histórico, mas o constrói. As formas de arquivamento e de seleção falam a respeito da construção desse passado, através de um exercício de memória, sempre seletivo, e que comporta uma nova escritura, um novo relato suplementar. O novo relato estrutura o conteúdo pressuposto e, ao mesmo tempo, cria um passado (ANDRADE *et al*, 2018, p. 22).

Os autores do texto **Arquivo** abordam a **Questão de reescritura**, quando apontam a relação texto/autor/leitor em uma perspectiva não definida, em que o leitor do próprio texto cria novas possibilidades interpretativas a partir das suas rasuras. Os autores discutem que uma leitura de si mesmo, por meio do seu texto, é perturbadora, ao criar novas perspectivas do texto lido. “Maneiras singulares de reinscrever essas mensagens sem mensageiros, reescrevendo-as como pegadas, vestígios, indícios” (ANDRADE *et al*, 2018, p.23). Assim,

[...] os modos de arquivar e de usar o arquivo são modos de leitura que ora podem ser os de um leitor autoritário, organizador, que procure dar um sentido fixo ao conjunto, ora os de um leitor nômade, que circule de forma desorganizada pelo material e que procure movimentá-lo estabelecendo novas redes, abrindo os sentidos.
(ANDRADE *et al*, 2018, p. 24).

Os ensaístas da obra **Indicionários do contemporâneo** também destacam a figura pública que se faz dos autores a partir de seus arquivos, ressaltando que cada arquivo possui um proprietário de direitos e que estes proprietários exercem um autoritarismo comparado à figura de um arconte - que de certa forma, segundo os autores, são responsáveis por unificar, identificar, classificar, consignar os elementos de um arquivo, ressaltando que, na verdade, nunca são totalmente unificáveis, identificáveis, classificáveis e consignáveis.

O arquivo não seria uma memória desorganizada e completa, como seria para um biógrafo tradicionalista e nem tão pouco documentaria o passado como uma verdade anterior e exterior a ele. Diferente disso, o arquivo ocupa o seu lugar, na sua própria falta de fundamento. Os autores alegam parafrasear Benjamin na seguinte reflexão “podemos dizer que sem arquivo a falta constitutiva do sujeito, a ausência de uma verdade, seria insuportável, mesmo que o arquivo e a tentativa de lê-lo nunca outorguem uma verdade definitiva” (ANDRADE *et al*, 2018, p.30),

[...] por ser a eternidade-totalidade do arquivo uma quimera, e sua pesada inexistência um fato consumado, vale insistir, resta sempre dizer algo – e há sempre algo a dizer – sobre suas cinzas, sobre os seus restos: o arquivo como monturo como cinza, como escombros, como aquilo que se guarda a sete chaves ou que se elimina com fúria e determinação. Ficam sempre, no entanto, os traços. Não é possível eliminar os traços, os

rastros, os restos, os mais mínimos que estão depois e mesmo antes do arquivo: eles pré e pós-existem a ele, preexistem à sua configuração como potência e participam ativamente de sua eliminação, impedindo-a simultaneamente. Mas traços, rastros, restos, riscos – o que eles arquivam? (ANDRADE *et al*, 2018, p. 34).

Conforme mencionado anteriormente, a proposta de reflexão sobre o arquivo pelos estudiosos e pesquisadores que escreveram o texto ora explanado tem fundamentos nos teóricos: Benjamin, Derrida e Foucault. A partir de uma leitura de Jacques Derrida (1995), os autores do texto trazem uma outra reflexão sobre o que o filósofo enuncia como um **mal** ou **febre** que arruína, desvia ou destrói o próprio princípio de arquivo estabelecido pelo desejo de uma verdade, uma origem explicativa e sua consistência fantasmática, imprecisa, espectral. Assim,

[...] a técnica arquivística, não é determinada pelo momento único do registro conservador, mas sim pela “instituição mesma do acontecimento arquivável”. O arquivo, a instituição em análise em *Mal de arquivo*, é a própria psicanálise como Nova ciência, cujo arquivo comporta documentos privados e secretos, os quais, quando se tornam públicos, o fazem sob uma forma de uma “autoarqueologiza-ção” de ordem turística de uma museificação da memória individual, como é precisamente o caso de Freud, cuja casa tornou-se ela mesma “um arquivo privado em domínio público” (ANDRADE *et al*, 2018, p. 36, grifos do autor).

Segundo os autores, pensar em arquivo é pensar nas muitas interpretações que ele possibilita a partir de leituras e traduções. Sob a ótica de um texto literário, é possível compreender que haja metamorfoses de escrita considerando os leitores de fontes primárias acompanhando o percurso da criação até a última versão de um mesmo texto: “uma fonte dita primária [...] – é desde sempre uma montagem, uma roupagem, resultante da manipulação dessas fontes por um historiador, um censor ou um arconte qualquer” (ANDRADE *et al*, 2018, p. 39). E sobre a pesquisa a partir das fontes primárias, Almuth Grésillon declara,

[...] a crítica genética definiu progressivamente seu objeto próprio: os manuscritos de trabalho dos escritores enquanto suporte material, espaço de inscrição e lugar de memória das obras [...]. Da parte do autor, há, indiscutivelmente, um desejo ambivalente e mascarado de retenção e de exibição: guardar esses fragmentos mais pessoais da escritura, conservar para uma glória póstuma incerta esses testemunhos da solidão criadora, esses sinais do risco absoluto, do erro, da rasura e dos fracassos (GRÉSILLON, 2007, p.12).

O fascínio pelo estudo da Crítica Genética está relacionado à dicotomia apresentada por Grésillon (2007) ao considerar que o estudo dos manuscritos de uma obra desperta a curiosidade que perpassa pela paixão e paciência. O trabalho com texto em estado de prototexto, portanto, pode ser definido pela paixão que, segundo a teórica, pode ser entendida como:

Paixão de estar mais perto de um texto amado uma vez que quase se assiste a seu renascimento; paixão de tocar a autenticidade que representa o autógrafa, de ver o corpo da escrita inscrever-se na página; paixão fugaz e inconfessada de se identificar, pelo tempo de uma descida e uma subida na arqueologia do texto, ao criador, de fundir-se com ele; paixão de penetrar no espaço interdito do bastidor, e paixão policial de querer revelar o segredo da fábrica: as armadilhas do psicologismo, do voyeurismo e do fetichismo não estão longe (GRÉSILLON, 2007, p. 28).

92

Além da paixão, estudar os documentos de processo de uma obra é uma ação respaldada pela paciência, pois o pesquisador desenvolve um trabalho em etapas que se inicia pela busca do objeto desejado e se concretiza com a pesquisa deste material. A teoria defendida pela referida teórica francesa é a de que é necessário:

Paciência para sair efetivamente em busca de tal manuscrito, desaparecido ao sabor da grande História com suas vicissitudes e suas pedras, ou afogados nas histórias de vendas, de heranças e de direitos de sucessão... Paciência do trabalho beneditino para decifrar, classificar e transcrever os manuscritos, humildade diante dos materiais invasores e às vezes desencorajadores pela massa de problemas inextricáveis; paciência de erudito com o documento que ele põe a saudável distância para que o objeto de paixão se torne objeto de conhecimento, paciência do editor do texto para restituir a gênese do texto (GRESILLON, 2007, p. 28-30).

O estudioso da Crítica Genética, tomado pela paixão e paciência, busca no arquivo literário a gênese textual. Moema Rodrigues Brandão Mendes (2010), afirma que o olhar de cada pesquisador descobrirá uma nova maneira de trabalhar as possibilidades de um arquivo. Esta afirmativa, de certa forma, parafraseia concordando com a premissa definida por Almuth quando se trata de paixão e paciência para que os manuscritos se tornem objeto de construção do conhecimento.

Cury (1993) em seu texto **A pesquisa em acervo e o remanejamento da crítica** discute a importância da crítica literária no estudo de arquivos envolvendo as

fontes primárias de um texto. A autora na Introdução de seu artigo utiliza um fragmento de texto de autoria de Virginia Wolf para refletir sobre o papel do leitor e a necessidade da interferência do mesmo em um texto de arquivo entendido como incompleto. E, ainda acrescenta que este mesmo fragmento de texto, por ela utilizado, serve de base para uma análise metafórica do envolvimento do crítico literário contemporâneo – não como verdade absoluta – mas como forma de fazer circular o discurso sobre a literatura.

Cury afirma que o trabalho com fontes primárias é um desafio, pois, segundo ela “desmistifica o texto final” (CURY, 1993, p.87) desvendando o que podemos entender como segredos do texto original.

O pesquisador, Adalberto de Oliveira Souza, em seu texto intitulado *Crítica Genética* (2009) – publicado na obra **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**, organizado por Bonnici e Zolin - aborda aspectos teóricos relacionados ao estudo da Literatura sob a ótica da Crítica Genética, já que segundo ele “toda opção metodológica para realização de uma análise literária pressupõe certa concepção do próprio texto literário e uma concepção específica do que possa ser o homem” (SOUZA, 2009, p.287). Para o autor, o objetivo não é estabelecer uma abordagem crítica que concorra com outros métodos de análise de textos, mas, sim, inserir mais uma possibilidade interpretativa sobre a obra literária.

O objetivo do estudo apresentado por SOUZA (2009), neste capítulo do livro mencionado, foi dialogar sobre a situação e a função da Crítica Genética nos dias de hoje. Para o autor há muitas maneiras de conceber a Crítica Literária e para tal, cabe ressaltar que o fundamento deste estudo está no relacionamento entre o autor, o texto e o leitor, pois, segundo ele, para cada estudo crítico realizado um dos três pilares apontados fica evidenciado, de acordo com o enfoque do estudioso, aquele que executa a análise.

Souza esclarece que o estudo da Crítica Genética se destina ao estudo de textos inéditos, ao estudo da correspondência trocada entre escritores e a história da obra em si mesma. E, afirma “a essência de toda crítica é sempre a explicação das obras e um convite à sua leitura” (SOUZA, 2009, p.207).

Para Salles (2008), o estudo da Crítica Genética surgiu com o desejo de melhor compreender o processo de criação artística de quem produz a arte seja ela

escrita, pintada, desenhada, a partir dos registros desse seu percurso deixados pelo artista de forma a caracterizar sua individualidade. Assim,

Os estudos genéticos nascem de algumas constatações básicas. Na medida em que lidamos com os registros que o artista faz ao longo do percurso de construção de sua obra, ou seja, os índices materiais do processo, estamos acompanhando seu trabalho contínuo e, assim, observando que o criador é resultado de um processo. Sob essa perspectiva, a obra não é, mas *vai se tornando* ao longo de um processo que envolve uma rede complexa de acontecimentos (SALLES, 2008, p. 25).

Segundo SOUZA (2009) muitos métodos críticos foram sendo propostos na tentativa de desvendar a essência, ou nas palavras do autor o mistério, ou ainda, a razão de ser de uma obra literária. Dentre esses métodos, o teórico cita a crítica psicanalítica, a crítica temática, a crítica formal e a crítica genética. E argumenta que esses métodos utilizados para esta análise de busca da essência da obra se entrecruzam, mas que cada um apresenta sua especificidade própria, o que nos leva a refletir sobre a interdisciplinar presente em uma análise genético - crítica.

Adalberto de Oliveira Souza ao dissertar sobre o objeto de estudo da Crítica genética, o manuscrito, esclarece para o leitor do seu texto a diferença entre Crítica Textual e Crítica Genética, apesar de ambas atuarem sobre o mesmo objeto de pesquisa. Ele começa explicando a representação do manuscrito nos estudos de Crítica Textual em um caráter mais amplo, que envolve todos os aspectos de uma edição. O autor utiliza o conceito de *Ecdótica* sob apontamentos de dois teóricos (Azevedo Filho e Spina) que divergem em alguns aspectos, mas que culminam no mesmo ponto: a necessidade de uma organização, de métodos para preparar textos legíveis, apurá-los e publicá-los. Neste sentido o autor afirma que foi a partir do Renascimento, com surgimento da imprensa, que houve uma retomada da Ecdótica, ou seja, retoma-se a busca do estudo do manuscrito com a intenção de torná-los textos acessíveis. E, no subitem do seu texto Crítica Genética (intitulado Gênese da Crítica Genética) enfatiza a diferença entre Crítica Textual e Crítica Genética, definindo:

O objeto da Crítica Genética é outro. Não é chegar ao texto único, o mais original, o mais perfeito, o mais próximo do *ânimo autoral*, a última vontade do autor, mas sim avaliar a criação do autor, os diversos momentos da criação, o como e o porquê da criação. Por isso os críticos genéticos não

falam em variantes e erros, e sim em rasuras e consistências, pois as opções do autor revelam momentos diferentes da criação e iluminam a compreensão da obra como um todo, o passado e o presente dela (SOUZA, 2009, p. 289, grifo do autor).

No que se refere à origem e reconhecimento dos estudos de Crítica Genética como uma disciplina independente, SOUZA (2009) afirma que foi a partir de 1968 que Louis Hay, na França, reuniu uma equipe de estudiosos no *Centre National de Recherches Scientifiques* (CNRS) para organizar os manuscritos do poeta alemão Heinrich Heine, que na ocasião tinham sido adquiridos pela Biblioteca Nacional Francesa. Em seguida, a equipe associou-se a outras, que se interessaram por manuscritos de autores importantes da época (Proust, Zola, Valéry, Flaubert) constituindo um laboratório específico em CNRS.

Segundo o autor, o estudo de Crítica Genética foi introduzido no Brasil por Philippe Willemert, organizador do primeiro Colóquio desse gênero e que incentivou vários pesquisadores a se dedicarem a esse assunto. É possível afirmar que hoje, no Brasil, há vários pesquisadores que se dedicam ao estudo da Crítica Genética, haja vista os inúmeros eventos acadêmicos dedicados a este assunto.

Sobre a relação entre os manuscritos e uma proposta de estudo interdisciplinar, Andrade *et al* (2018) propõem uma reflexão sobre a teoria psicanalítica ao relacionar-se com o arquivo, e apontam uma situação paradoxal, uma vez que, situando no seu centro e no centro da possibilidade de seu funcionamento - a procura de uma verdade biográfica é impossível.

Na visão dos autores o trabalho psicanalítico seria uma “tensão entre a verdade e o fantasma, entre a necessidade e a impossibilidade de decifração, entre a exumação das lembranças e a construção de presente” (Andrade *et al*, 2018, p.29, grifos do autor). Os estudiosos asseguram, inclusive, que os trabalhos desenvolvidos com arquivos - na contemporaneidade - favorecem a rasura e reformulação de ideias estatais de uma memória acumulativa e capitalista e, por conseguinte, entende-se que para lembrar é necessário lidar com fantasmas, espectros, paradoxais restos de uma totalidade nunca atingida, porém almejada, assim como construir uma nova identidade relativa àquilo que deve ser lembrado coletivamente, gerando mais espectros e menos monumentos, nas palavras dos autores.

O estudioso Philippe Willemar dialoga com esta questão em seu artigo **Como se constitui a escritura literária?** Ao sustentar que as áreas do conhecimento ligadas à linguística, à psicanálise e à filosofia não são capazes de esgotar a constituição da escritura literária, não desconsiderando, no entanto, as intervenções do sujeito inconsciente e do sujeito empírico.

De acordo com o teórico, “Precisamos de outros conceitos para entender a constituição da escritura literária e tornar inteligíveis esses processos que estão na origem de qualquer criação” (WILLEMAR, 2002, p.73). Para ele, a escritura não representa o escritor que, muitas vezes, tem o retrato na capa do livro, como representação física da pessoa que escreve. E argumenta:

A cada rasura, a escritura literária surge, o que acarreta o abandono total da crítica ou da psicografia, tão cara a muitos psicanalistas. Embora pareça que a cada supressão ou acréscimo, o escritor expõe suas pulsões, sua vida pessoal, seus problemas, sua estrutura psíquica, suas intenções primeiras, o estudo do manuscrito mostra que quando ele inicia o processo de escritura, persegue, ou melhor, é perseguido pelo que chamei um “primeiro texto” (WILLEMAR, 2002, p. 75, grifo do autor).

Portanto, o estudo do **primeiro texto**, assim chamado por Willemar, na concepção de SOUZA (2009) é interdisciplinar, uma vez que não há um instrumento teórico definido para análise da gênese de uma obra. O pesquisador, ao definir o *corpus* a ser analisado deverá, também, escolher um caminho para abordagem de sua análise que julgar adequado diante da perspectiva que pretende dedicar sua pesquisa.

Diante dessa escolha de um caminho a ser seguido para análise de uma obra literária, cabe ressaltar a importância da relação, já mencionada, do autor/leitor/texto. Sobre isso, Souza reitera, no subitem do texto **Crítica Genética** (SOUZA, 2009) – denominado **A rasura e a consistência** – um diálogo intertextual com Roland Barthes em sua obra **O prazer do texto** (2010 [1973]) quando escreve que na década de 1960, “a crítica festejou a morte do autor” (2010, p. 296) e passou a valorizar as categorias resultantes da narratologia do texto,

O autor é também leitor, e não apenas o sujeito da enunciação ou do enunciado; portanto, nessa relação de autor/leitor insinua-se um Terceiro ou Outro, que pode ser a tradição literária ou histórica, o inconsciente do

autor ou outros fatores que excedem o autor [...] a cada leitura que faz o autor, o Outro se insere e cada rasura feita pelo *scriptor* provoca uma consistência nova, onde fica marcada a insistência desse Outro, que desvia a intenção primeira do autor. No entanto, a vontade da consistência sempre permanece manifesta nos comentários do autor (SOUZA, 2009, p. 296).

A partir da reflexão proposta por Adalberto de Oliveira Souza (2009) sobre o leitor de sua própria obra, pode-se pensar na exposição filosófica de Barthes apud Souza (2009) ao apontar que o prazer que um texto proporciona em determinado momento para um leitor, pode não ser o mesmo quando este mesmo leitor retoma o mesmo texto. Desta maneira, é possível compreender que a relação (texto/autor/leitor) não é estanque, definida, fixa e, sim, flexível, mutável, baseada nas fruições do indivíduo que escreve e do indivíduo que lê.

O texto se faz objeto de desejo, é a fonte de prazer, cabendo ao autor abdicar por completo de sua obra e deixá-la sem qualquer interpretação ou imposição. O autor entrega sua obra ao leitor, permitindo ao mesmo encontrar nos seus espaços o prazer, ler em suas entrelinhas e deleitar-se com as curvas do signo, preenchendo seus espaços, ouvindo o grito incessante contido em cada espaço de silêncio de sua obra.

Diante de tais elucidações, é possível refletir que quando o leitor é o próprio autor, este é capaz de preencher esses silêncios com alterações, ou seja, com rasuras, que geram outros silêncios.

O autor/ *scriptor* mais o autor/ leitor são coagidos a dar uma nova consistência ao seu texto, devido à pulsão e ao desejo de escrever. A pulsão de escrever é o movimento repetitivo, que tanto Freud como Lacan sustentam a partir de uma zona erógena; e o desejo de escrever depende da atração e da tensão provocada pelo primeiro texto "inspirado". Não há uma semelhança entre esse primeiro texto e o texto publicado, mas há uma relação de sintomas entre eles (SOUZA, 2009, p.296, grifos do autor).

Finalizando esta reflexão, importa entender que a preservação dos documentos em suporte papel não deve se ater apenas ao suporte, mas à função social que este documento pode exercer. Há uma necessidade urgente de contribuições da ciência, da política e da sociedade a fim de proporcionar aos documentos de papel, a manutenção de sua existência e longevidade.

Segundo Sérgio Conde Albite Silva (2011), a conservação preventiva é essencial, já que implica na melhoria e controle do meio ambiente na área de guarda dos acervos. A conservação envolve o acondicionamento das peças do acervo, a armazenagem e o uso e manuseio dos documentos, objetivando retardar o início do processo de degradação dos suportes.

O arquivo é o lugar de possibilidades parciais e não muito livres e os manuscritos seus elementos de pesquisa. Os resultados perseguidos a partir de estudos que envolvem as fontes primárias, não são predominantemente objetivos o que nos permite acreditar que toda pesquisa científica, seja no seu início ou no seu final, está regulada pela ideologia do pesquisador associada à escolha do objeto pesquisado que deve ser essencialmente determinada por seu enquadramento sociocultural.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, A. *et al.* Arquivo. In: PEDROSA, C. et al (Orgs.). **Indicionário do contemporâneo**. Belo Horizonte: UFMG, 2018, p. 15-55.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Ed. Perspectivas, 2010 [1973].

CASTRO, Aloisio Arnaldo Nunes de. A Preservação Documental no Brasil: Notas para uma reflexão histórica. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 31-46, jul/dez 2010. Disponível em:
<http://www.arquivonacional.gov.br/br/component/tags/tag/revista-acervo.html>. Acesso em: 12 set. 2019.

COIMBRA, José de Ávila Aguiar. Considerações sobre a interdisciplinaridade. In: **Interdisciplinaridade em ciências ambientais**. São Paulo: Signus, 2000, p.52-70.

CURY, Maria Zilda Ferreira. A pesquisa em acervo e o remanejamento da crítica. **Manuscrita**, Revista de Crítica Genética São Paulo: USP/APCG, 1993, n. 3, p. 78-93. Disponível em:
<http://www.revistas.fflch.usp.br/manuscritica/article/view/853/770>. Acesso em: 20 maio. 2019.

GONÇALVES, Emânia Aparecida Rodrigues. **Antigamente, no porão: o manuscrito e o impresso – uma questão de variantes**. Orientadora: Moema Rodrigues Brandão Mendes. 2014. 109 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ensino Superior, Juiz de Fora, 2014.

GRÉSILLON, Almuth. **Elementos de crítica genética**: ler os manuscritos modernos. Porto Alegre: UFRGS. 2007.

LEBREVE, Jean-Louis. O manuscrito será o futuro do texto. *In*: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Mello (Org.). **Arquivos literários**. Tradução. Renato de Mello. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p.83-92.

MENDES, Moema Rodrigues Brandão. A importância dos arquivos para a Crítica genética: um pouco de história e de manuscritos. **Verbo de Minas**. v.11, n. 19, jan.jul. 2011, p. 105-115.

Disponível em: <http://seer.cesif.br/index.php/verboDeMinas/article/view/360> Acesso em: 12 set. 2019.

SOUZA, Adalberto de Oliveira. Crítica Genética. *In*: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.) **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá, PR: EDUEM, 2009, p. 287-297.

SALLES, Cecília Almeida. **Crítica genética**: fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística. 3. ed. São Paulo: EDUC, 2008.

SILVA. Sérgio Conde de Albite. A preservação da informação: um cenário em arquivos e bibliotecas. **Verbo de Minas**, v.11, n. 19, jan.jul. 2011, p. 241-253.

Disponível em: <http://seer.cesif.br/index.php/verboDeMinas/article/view/360> Acesso em: 12 set. 2019.

WILLEMAR, Philippe. Como se constitui a escrita literária?. *In*: ZULLAR, Roberto (Org.). **Criação em processo**: ensaios de Crítica Genética. São Paulo: Iluminuras, 2002. p. 73-93.